

Apresentação 1

Paulo Evangelista

Procrusto é um ladrão mitológico que oferecia hospedagem a viajantes em sua casa, onde mantinha duas camas, uma pequena e outra grande. Aos viajantes de baixa estatura oferecia a cama grande e, prendendo-os, esticava-os até que coubessem perfeitamente. Aos viajantes altos oferecia a cama pequena, cortando-lhes as extremidades.

Leito de Procrusto se tornou uma expressão para se referir à violência de forçar um objeto de uma pesquisa a se adequar às teorias prévias sobre o mesmo. A Fenomenologia-Existencial surge como cuidado para que a Psicologia não seja um Leito de Procrusto e deixe que seu ‘objeto’ se manifeste tal como é em si mesmo. E o ‘objeto’ da Psicologia é a existência humana, que não pode ser tratada como objeto. Assim, a ciência torna-se um limite para o conhecimento ‘científico’ do ser-no-mundo, que cada um de nós é. Daí é a necessidade de dar um passo atrás, na direção da Filosofia.

Mas o diálogo entre Filosofia e Psicologia é complicado. A primeira se volta para o conhecimento do universal, enquanto a segunda, à sua aplicação. A Psicologia Fenomenológico-Existencial nasce da interseção de ambas. Seu ponto de partida é a Filosofia, mais especificamente as Fenomenologias de Husserl e Heidegger. Mas é ciência aplicada, pois sua ação dirige-se à existência humana e seus modos possíveis de acontecer. Intervindo, não se deixa deslumbrar pelos efeitos produzidos, nem aceita que estes sejam compreendidos como consequências exclusivamente de suas ações. Isso obriga o psicólogo fenomenológico-existencial a voltar-se constantemente aos fundamentos. Nesse ir e vir, o conhecimento psicológico é finitizado, reconduzido de volta à existência humana que o possibilita. A Psicologia Fenomenológico-Existencial distancia-se das verdades absolutas e dos sistemas teóricos, sem se tornar senso comum ou mero relativismo.

A compreensão e a ação, a relação terapêutica e os modos de cuidar da existência que sofre nos vários âmbitos de atuação do psicólogo são alguns dos temas que não podem encontrar determinações definitivas, precisando sempre de novas considerações, sob o risco de que o que se diz sobre esses fenômenos vir a substituí-los no seu mostrar-se por si mesmos. A compreensão da existência humana como possibilidade finita e o método fenomenológico são o eixo das reflexões conduzidas pelos autores deste livro, que cuidam para não objetificar o ser-no-mundo que lhes vem ao encontro.

Prefácio

Rumos da fenomenologia no Brasil

Luis Eduardo França Jardim

*Falamos sempre a partir da linguagem.
Isso significa que somos sempre ultrapassados
pelo que já nos deve ter envolvido
e tomado para falarmos a seu respeito.
Martin Heidegger*

A fenomenologia como fundamentação da prática em Psicologia consolidou-se no Brasil entre a década de 1960 e meados de 1970. Nesses quase 50 anos, desde que a fenomenologia passou a ser estudada e pensada em sua contribuição à Psicologia, muita coisa mudou no país. Nesse período passamos por significativas mudanças históricas e políticas, a profissão do psicólogo foi reconhecida, cresceu, e a própria prática clínica fenomenológica se desenvolveu e se transformou largamente. Mas uma das mudanças mais relevantes, especificamente para a fenomenologia, é que hoje dispomos de diversos textos ainda inéditos até poucos anos atrás. Em sua maioria, esses textos ainda carecem de uma exploração mais ampla. Nesse contexto de intensas transformações, quais possíveis rumos a fenomenologia parece estar seguindo atualmente e quais desafios se fazem presentes?

Desde as primeiras décadas do século XX, psiquiatras europeus já questionavam o modo como tradicionalmente se pensava a “psique”. Tentativas de aproximação da prática clínica com a fenomenologia de Edmund Husserl já eram feitas desde a segunda década do século passado. Nomes como Karl Jaspers, Ludwig Binswanger, Eugene Minkowski e Viktor Emil Von Gebsattel não poderiam deixar de ser lembrados como pioneiros nessa tarefa.

Mas foi somente na década de 1940 que Binswanger e, posteriormente, Medard Boss entraram em contato com o pensamento de Martin Heidegger. À luz da fenomenologia hermenêutica, começa a ganhar corpo o que viria a ser chamado *Daseinsanalyse*, a prática clínica fundamentada no pensamento heideggeriano.

Na segunda metade do século XX, as contribuições de Medard Boss para o desenvolvimento da *Daseinsanalyse* constituíram-se como passos essenciais para a construção de uma prática clínica fenomenológica não derivada da concepção de sujeito da Psicologia tradicional. Seu trabalho em *Daseinsanalyse* mereceu destaque também pela proximidade relacional que manteve com Heidegger por longos anos. Eles tornaram-se amigos, e dessa amizade e constante troca sobre Filosofia e *Daseinsanalyse* surgiu a obra *Seminários de Zollikon*. Esse livro é uma compilação de cartas e seminários proferidos por Heidegger para psiquiatras suíços entre os anos de 1959 e 1969. E essa é, efetivamente, a *única* obra em que Heidegger se debruça sobre o tema da *Daseinsanalyse*.

Aqui no Brasil, a fenomenologia na área da Psicologia se fortaleceu e ganhou um corpo mais definido, principalmente, na década de 1970. Alguns dos precursores da fenomenologia, como Maria Fernanda Dichtchenian, Joel Martins e Solon Spanoudis, deram os primeiros passos desse trabalho em solo brasileiro e foram mestres de muitos profissionais e estudiosos que caminham ainda hoje por essas veredas.

Desde então, muito se caminhou em mais de quatro décadas de ensino, prática e pesquisa em fenomenologia nos cursos de Psicologia. A fenomenologia faz parte do currículo dos principais cursos de Psicologia das mais importantes universidades do Brasil, com disciplinas, estágios e/ou grupos de pesquisa na área. Nas provas de avaliação dos cursos universitários elaboradas pelo MEC (ENADE), a fenomenologia é frequentemente um tema presente. Entretanto, apesar do reconhecimento que a fenomenologia vem progressivamente alcançando na Psicologia, há ainda um longo caminho a ser percorrido. E nesse caminhar, alguns desafios despontam no horizonte.

A fenomenologia está presente como fundamentação nos mais diversos ramos de atividade da Psicologia. Os autores de referência nessa área são também múltiplos e guardam diferenças significativas em seu pensamento. Falamos, principalmente, de Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e Edith Stein. Nesse caminhar pelas veredas dos desafios que se colocam para a fenomenologia, restringiremos nosso foco na *Daseinsanalyse*.

No campo específico da *Daseinsanalyse*, Boss também teve uma participação importante em sua consolidação no Brasil. O psiquiatra suíço mantinha vínculos familiares no país e por aqui esteve em diversos momentos entre os anos de 1970 e 1980. Em algumas dessas oportunidades, pode acompanhar de perto o trabalho que naquela época vinha sendo desenvolvido pelos precursores da *Daseinsanalyse* no Brasil.

Não há dúvidas sobre a importância dos passos percorridos por Boss na *Daseinsanalyse*. Seus textos desenvolvem aspectos essenciais sobre a prática clínica, “psicossomática”, “patologias” e outras questões pertinentes à Psicologia. Suas contribuições definitivamente devem ser reconhecidas, no entanto, não podem ser vistas como *últimas*, definitivas. A *Daseinsanalyse* ainda tem um longo caminho à frente.

Nos últimos 20 anos, a base sobre a qual a *Daseinsanalyse* está fundamentada ampliou-se e “transformou-se” largamente. Em 1976, pouco antes de morrer, Heidegger organizava seus escritos para a publicação de sua obra completa, *Gesamtausgabe*. Até aquela época, somente alguns poucos textos seus haviam sido publicados, se comparado com a vastidão de cursos, conferências e ensaios deixados pelo filósofo. Entre os anos de 1980 e 1990, com o início da publicação da maior parte de seus textos inéditos, o panorama mundial de estudos do pensamento heideggeriano ganhou uma nova dimensão.

Com isso, também a *Daseinsanalyse*, como prática clínica fundamentada no pensamento de Martin Heidegger, passou a dispor de uma gama de materiais que, pelo seu ineditismo, ainda é pouco assimilado na prática clínica. Esse “novo” material a que agora temos acesso nos coloca a tarefa de *repensar* a *Daseinsanalyse* no sentido de ampliar e aprofundar as articulações com seu fundamento. Especificamente no Brasil, essa tarefa ganhou novo fôlego, principalmente a partir dos anos 2000, quando os textos antes inéditos de Heidegger começaram a ser traduzidos em maior escala para o português.

Por muitos anos, a *Daseinsanalyse* foi pensada prioritariamente no contexto da analítica existencial do *Dasein* presente em *Ser e tempo*. A importância desse tratado para a *Daseinsanalyse* e para a construção do pensamento heideggeriano é inegável. Assim como *Ser e tempo* tem uma importância central no chamado “primeiro Heidegger”, *Contribuições à Filosofia – do acontecimento apropriador* (1936-38) pode ser considerada como *uma* chave de compreensão, que abre espaço para o entendimento dos ensaios, cursos e conferências tardios de Heidegger e do seu caminho de pensamento. Nas últimas duas décadas, ficou claro para aqueles que se aprofundam no estudo do pensamento heideggeriano que não se pode cindi-lo em um *primeiro* e um *segundo* momentos, pois ele se constitui como um só *caminho* percorrido. Nesse sentido, o tratado de 1927 deve ser lido à luz desse caminho, do qual faz parte.

O mesmo acontece com *Seminários de Zollikon*, e sua leitura atenta já traz essa percepção. Os seminários e cartas reunidas na obra datam do período entre 1959 e 1969. Nesse

período, o pensamento do filósofo já havia caminhado praticamente 40 anos desde *Ser e tempo*. Com certa frequência, ainda hoje encontramos discussões sobre *Seminários de Zollikon* referenciadas apenas em *Ser e tempo*, deixando de lado o pensamento tardio de Heidegger, o que definitivamente restringe a compreensão do alcance daquilo que foi pensado nos seminários. A assimilação dos textos tardios de Heidegger pela *Daseinsanalyse* é uma tarefa ainda em andamento. E essa tarefa implica pensar. Pensar a *Daseinsanalyse* também no âmbito da questão da técnica, da história do *Seer*, partindo da linguagem, do acontecimento da verdade, da quadrindade, da conversa e do acontecimento apropriador.

Essa tarefa de pensar a *Daseinsanalyse* é necessária não apenas para dar continuidade ao trabalho inicial de Boss ou devido ao acesso mais vasto que hoje temos à obra de Heidegger. Mas, fundamentalmente, essa tarefa se impõe para esclarecer dois equívocos comuns e persistentes no ensino da fenomenologia, reproduzidos por muitos profissionais.

Em primeiro lugar, a *Daseinsanalyse* não pode continuar a ser vista como uma teoria psicológica entre outras. Não raro encontramos textos e falas que *psicologizam* e *teorizam* a *Daseinsanalyse*. A *Daseinsanalyse*, assim como as outras práticas clínicas fenomenológicas, não é uma teoria psicológica, tampouco parte de estruturas orgânicas com a função de orientação interpretativa para nortear o psicoterapeuta a ver aquilo que é contemplado pela teoria. Muito antes, e não apenas isto, a contribuição da fenomenologia guarda relação com uma postura diante do outro. Um modo de estar com o outro e consigo mesmo que é, antes de tudo, um recuo e uma renúncia àquilo que já se conhece. Um renunciar para que, na *conversa*, paciente e terapeuta se coloquem na proximidade daquilo que se anuncia e que se *quer* ser dito na fala do paciente. A proximidade é um avizinhar-se que fala de um habitar diante do outro, de um instalar-se e de um voltar-se para a proximidade. Para Heidegger, é nessa vizinhança que nos encontramos e nos movimentamos. É onde nos colocamos a caminho de um pensar, um pensar que é uma escuta daquilo que se faz interrogar.

O segundo equívoco a ser esclarecido acontece com certa frequência e caminha muito próximo a esse primeiro. *Ser e tempo* não pode ser entendido como uma espécie de antropologia nem como um tipo de metafísica. O homem não é o centro em torno do qual o mundo gira. Para Heidegger, pergunta-se *pelo homem em Ser e tempo a partir da verdade do ser e apenas assim*. Esse equívoco traz a consequência bastante direta de uma leitura *humanista* do pensamento heideggeriano nas práticas clínicas. A *Daseinsanalyse* não pode ser vista como uma psicologia humanista, que coloca o homem no centro do mundo e foca apenas no existir isolado do paciente. O discurso sobre o *apropriar-se* de si mesmo e o *responsabilizar-se* pela própria existência com frequência resvala ingenuamente para uma visão *individualizadora* do paciente, como ente único implicado nos desdobramentos de sua própria existência.

A *história* de cada um se dá como desdobramento da relação de si mesmo com o mundo, o que implica, necessariamente, que as *possibilidades* existenciais de um ou de outro também já foram abertas pelo mundo em que se habita. Dizer que a existência se dá no mundo significa que o existir acontece com os outros e junto aos entes. O existir não se dá de maneira isolada no mundo; de modo que não se pode pensar no sofrimento ou nas “glórias” de um paciente como algo encerrado em um “eu” encapsulado.

A dor de um paciente que sofre preconceito por ser negro não pode continuar sendo vista apenas como um sofrimento individualizado. Não se trata tão só de estar com o paciente para que ele se responsabilize pela própria existência em seu sofrimento. Esse sofrimento se dá na relação com o outro e não se inicia apenas com ele, mas é algo muito anterior, gestado na história por gerações e gerações. É a dor que fala de algo para além do sofrimento apenas individual daquele que chega ao consultório, algo que tem origem nas relações de dominação e rebaixamento do outro e que se dá de modo arraigado historicamente no existir em comunidade. Esse sofrimento não é meramente *individual*.

O mesmo acontece com o sofrimento daquele que teme sair à rua devido à violência urbana; daquele que sofre por ser perseguido e maltratado no trabalho ou por não ter o devido reconhecimento de suas habilidades; daquele que lamenta não ter obtido “sucesso” financeiro; e também daquele que se recente por um amor não correspondido ou por ter idade avançada e não ter se casado; ou ainda daquele que chora a perda de um parente querido. Todos esses sofrimentos emergem *nas* relações de um com o outro e são gestados historicamente, muitas vezes por modos de ser compartilhados por uma comunidade ou um povo. São modos de ser às vezes impostos por padrões de consumo ou de relação, que se reproduzem sem serem percebidos.

O sofrimento irrompe na coexistência com o outro. Em outras palavras, o sofrimento do paciente que chega ao consultório tem um caráter não apenas singular, mas o sofrimento é também *político*. Política, em seu sentido originário, diz respeito à coexistência e associação de homens *diferentes*. A política se baseia na pluralidade humana. Isso quer dizer que o sofrimento humano é algo que se constitui politicamente, isto é, com os outros.

A leitura equivocada da fenomenologia heideggeriana como um *humanismo* ou mesmo *existencialismo* implica uma distorção da *Daseinsanalyse* como uma prática individualizadora, que relega o paciente ao caráter isolado da existência. Desconsiderar que as possibilidades de sucesso e de sofrimento se constituem no mundo no qual habitamos é esquecer os fundamentos da fenomenologia e ignorar o caráter de ser-no-mundo do existir. A clínica não pode se prestar a ser um instrumento individualizador, pois a clínica é política. Se pretendemos consolidar uma prática clínica consistentemente fundamentada no pensamento heideggeriano, a *Daseinsanalyse* precisa ser pensada também em seu caráter político. A *Daseinsanalyse* não pode ser vista como prática *centrada no indivíduo*, já que, em seu fundamento mesmo, ela é também “social”.

A tarefa de pensar e repensar a *Daseinsanalyse* no conjunto da obra heideggeriana hoje disponível, considerando as possibilidades do existir em seu caráter político, é um processo em andamento. Alguns pesquisadores no Brasil e na Europa já vêm apresentando trabalhos nessa direção, o que é essencial também para a consolidação da *Daseinsanalyse* no meio acadêmico. A *Daseinsanalyse* continua caminhando e ainda precisa caminhar.

Em consonância com a tarefa de repensar a *Daseinsanalyse* fundada no pensamento de Martin Heidegger, este livro pretende dar alguns passos nesse caminhar. A sua realização

começou a ser gestada entre o final de agosto e o início de setembro de 2012, quando estávamos reunidos em Ribeirão Preto (SP) para apresentar nossos trabalhos no Congresso UNIP de Psicologia Fenomenológica Existencial. O evento ultrapassou as expectativas iniciais e promoveu um verdadeiro debate acerca da fenomenologia e da prática clínica realizada pelas diferentes gerações de profissionais presentes.

Apesar de o evento ter mobilizado grande número de participantes, pareceu-nos importante que o encontro que ali acontecia excedesse aqueles limites e que mais pessoas pudessem ter acesso ao que foi pensado nas palestras. E, assim, as apresentações foram revistas e ampliadas para ganhar contornos adequados a esta publicação.

O livro, que inicialmente seria voltado ao estudante ou ao jovem psicólogo interessado em aprofundar sua formação em fenomenologia, em seu processo de desenvolvimento acabou por extrapolar esse primeiro objetivo. Mantendo uma linguagem compreensível e as articulações fundamentais para aquele que inicia seu caminho pela fenomenologia, os artigos aqui organizados também contemplam reflexões profundas e avançadas sobre o pensamento fenomenológico na prática clínica e na Filosofia. Desse modo, sem perder a leveza e a simplicidade de um livro acessível, esta publicação pretende trazer contribuições aos psicólogos nos mais variados estágios de aprendizado e ampliar a reflexão sobre a fenomenologia.

O texto que inaugura este livro traz uma rica contribuição para a fundamentação da prática clínica no pensamento de Martin Heidegger. Escrito pelo filósofo e tradutor Marco Antônio Casanova, o texto inaugural apresenta importantes reflexões, fundamentadas no pensamento heideggeriano, abordando a suspensão do conceito de existência de uma estrutura orgânica – como o aparelho psíquico – utilizada para descrever as experiências existenciais e explicitando a compreensão do existir humano em sua negatividade. Casanova é hoje um dos mais importantes tradutores de Heidegger para a língua portuguesa e, há alguns anos, vem trabalhando com os psicólogos no Rio de Janeiro e em São Paulo para a fundamentação de uma *psicologia da negatividade*, fundada no pensamento do filósofo alemão.

Em seguida, o artigo de Luis Jardim apresenta alguns fundamentos do pensamento heideggeriano articulados em um referencial clínico. O autor buscou em sua experiência docente alguns temas que frequentemente permanecem pouco esclarecidos para os alunos e psicoterapeutas fenomenológicos, procurando não apenas apresentar a fundamentação de *compreensão* e *ação* para a fenomenologia, como também descrever uma possível articulação desses conceitos com a prática clínica e esclarecer algumas distorções relativamente comuns no ensino e aprendizagem da fenomenologia.

A discussão da prática clínica avança por temas centrais como o conceito de “saúde mental” e “doença mental”. Isabel Cristina Carniel constrói em seu texto um belo caminho através do sagrado, da religiosidade, da Filosofia e da sua própria experiência para pensar a loucura e o sofrimento. A autora levanta a íntima relação entre Psicologia e arte, como possibilidade de expressão da genialidade e dos mistérios do humano.

A intimidade continua a ser tema, juntamente com a estranheza, pelas palavras do psicólogo e filósofo Daniel Rehfeld. Por um caminho poético, o texto discute a clínica questionando o direcionamento da palavra e a possibilidade de escuta, isto é, em que medida a clínica pode ser espaço de estranhamento e intimidade e se constituir como lugar

de aparecimento. A dimensão poética aberta pela situação clínica se mostra, ao mesmo tempo, como a instauração da dimensão ética pautada na possibilidade de um encontro autêntico.

Das possibilidades de um encontro autêntico entre terapeuta e paciente, a psicóloga e professora Juliana Vendruscolo revisita questões básicas da psicologia para, com isso, levantar a discussão sobre a importância da fenomenologia para determinadas práticas clínicas, como atendimento psicológico, plantão psicológico, psicoterapia breve e aconselhamento terapêutico, realizadas em instituições de saúde. Com base no relato do atendimento psicológico a um paciente em hospital público, essa pesquisa delinea as características da postura do psicoterapeuta e da relação terapêutica.

A relação terapêutica na *Daseinsanalyse* tem como uma de suas características fundamentais ser essencialmente um cuidar do outro. Esse fundamento é trazido ao leitor com maestria pelo texto de Leonardo Yoshimochi. Seu texto, baseado em sua experiência clínica, carrega o mérito de reunir em um mesmo artigo uma reflexão sobre a prática fenomenológica na modalidade de grupo e a possibilidade de atuação em uma instituição, articulados pelo tema da redução de danos. O trabalho do Agente Redutor de Danos (ARD) extrapola os limites da clínica psicoterápica e opera em rede com outros dispositivos extra-hospitalares de atenção e cuidado. Leonardo mostra ainda a importância de olhar para o cuidador como aquele que também necessita ser cuidado. Seu texto traz um belo exemplo prático de atuação da *Daseinsanalyse* para muito além da relação única terapeuta-paciente no consultório.

Ainda sustentando a temática da compreensão do encontro terapêutico, a psicóloga Marta Rosmaninho envolve o leitor e o convida a refletir sobre sua constituição na perspectiva do famoso conceito *Eu-Tu* do filósofo Martin Buber, como modo de se relacionar e de se colocar diante do outro e do mundo. A relação *Eu-Tu* é marcada pelo impacto da presença do outro. Nesse modo de relação acontece um encontro em que um é atravessado pela potência e pela força do outro. Baseada em um exemplo clínico experienciado em supervisão, a autora revela como a relação *Eu-Tu* pode auxiliar na construção de uma relação com o paciente e contribuir para que a relação deste com o mundo seja menos utilitária e não dominada por um conhecimento meramente intelectual.

Por fim, dando continuidade à proposta do livro de explicitação da *Daseinsanalyse*, neste último artigo a contribuição de Medard Boss é apresentada detalhadamente por Paulo Evangelista. Nesse artigo, ao acompanhar o percurso do psiquiatra suíço, somos conduzidos pelo caminho do desenvolvimento da *Daseinsanalyse*, desde o seu início na Suíça e também aqui no Brasil. Fruto de um cuidadoso e detalhado estudo sobre a *Daseinsanalyse* de Boss feito por longos anos, o autor esmiúça a proposta bossiana de refundação da metapsicologia de Freud partindo de uma compreensão mais correspondente ao existir humano. Para isso, Boss propõe uma patologia geral daseinsanalítica, defende o abandono do modelo causal e, fundado em uma compreensão de existência humana livre de pressupostos, pensa a psicoterapia como processo de libertação. De um modo bastante completo, o artigo sintetiza a história da *Daseinsanalyse* mesclada com a de Boss, apresentando informações nunca antes reunidas de tal modo.

Esperamos que este livro não se limite simplesmente a apresentar respostas, mas que sua leitura possa incitar o leitor a novos questionamentos capazes de trazer à tona importantes reflexões que ainda estão por vir no campo da pesquisa fenomenológica em Psicologia.

L.J.

Agosto de 2013

Índice

Prefácio

Luis Eduardo França Jardim

Autores

Currículos dos autores

1. Heidegger e o Escuro do Existir: Esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais

Marco Antonio Casanova

2. Compreensão e ação para a Fenomenologia-Existencial

Luis Eduardo França Jardim

3. Sobre loucos, santos, filósofos e artistas

Isabel Cristina Carniel

4. Intimidade e Estranheza: reflexões sobre a situação clínica.

Daniel Rehfeld

5. Atendimento psicológico em instituições: Da tradição à Fenomenologia-Existencial

Juliana Vandrúscolo

6. Grupos de Cuidadores na Prática Institucional

Leonardo Yoshimochi

7. O cuidado na relação terapêutica: aspectos da relação Eu-Tu.

Marta Rosmaninho

8. A Daseinsanalyse de Medard Boss: Medicina e Psicanálise mais correspondentes ao ser humano

Paulo Eduardo R. A. Evangelista